

*Acanās*

*Aequilibrium*

JULIO ROCHA

# Acanãs

*Aequilibrium*

1ª Edição



VERMELHO MARINHO

Rio de Janeiro

2011

Copyright© 2011 **Julio Rocha**

Título Original: Acanãs - Aequilibrium

**Editor-chefe:**

Tomaz Adour

**Revisão:**

Sonia Camara

**Editoração Eletrônica:**

Juliana Albuquerque

**Capa:**

Alan Brigagão

**Imagem:**

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

R672a Rocha, Julio

Acanãs - Aequilibrium / Julio Rocha.  
Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2011.  
248 p; 16x23 cm.

ISBN: 978-85-64298-

1. Literatura Brasileira. 2. Juvenil. I. Título.

CDD: 028.5  
CDU 821.134.3-93

Llyr Editorial é um selo da EDITORA VERMELHO MARINHO

**EDITORA VERMELHO MARINHO USINA DE LETRAS LTDA**

**Rio de Janeiro – Departamento Editorial:**

Rua Olga, 152 – Bonsucesso – Rio de Janeiro

CEP: 21041-140

[www.editorausinadeletras.com.br](http://www.editorausinadeletras.com.br)

**PARTE I**

**Iandé**

# 1

*Rio de Janeiro, 18 de julho de 2011, noite.*

- Corre, Edu, corre!

- Foge daqui, Luana!

- Não... Não... - A voz de Luana fraquejava e seus pés pareciam se agarrar à areia enquanto corria.

Ao olhar para trás novamente, Eduardo não se encontrava mais lá. Reparou que suas mãos estavam sujas de sangue. Pegou o brinco e guardou-o no bolso da calça jeans.

Ela correu em direção ao calçadão da praia de Ipanema, onde avistou alguns poucos pedestres caminhando pela orla. Já passava da meia-noite; o vento frio soprava naquela calma segunda-feira do mês de julho, afugentando quem, no verão, costumava lotar a ciclovia e os quiosques até o início da madrugada.

Ideia estúpida de ir namorar no Arpoador àquela hora da noite. E agora? Precisava avisar ao Ricardo que levaram o Edu. “Será que irão machucá-lo? Meu Deus... Matá-lo? Não. Isso não.” Confusa, atravessou a avenida sem olhar para os lados e se assustou com a freada brusca do Toyota vermelho que, por muito pouco, não a atropelou.

- Vê se olha pra onde anda, Patricinha! - gritou o homem de barba, colocando a cabeça para fora da janela.

Ela ignorou o insulto e seguiu em frente, agora correndo ainda mais; sentiu as primeiras gotas de suor se misturar às lágrimas que brotavam de seus olhos verdes, descendo copiosamente pelo seu rosto fino e delicado.

Ao chegar ao prédio de Ricardo, o porteiro a reconheceu e destrancou o portão de ferro que dá acesso à portaria.

- Lu? O que se passou com você, menina? Foi assaltada? Te machucaram?

- Não, seu Antônio. Nada demais, me deixa subir que eu preciso falar com o Ricardo, urgente.

- Iiih... O Ricardinho saiu faz meia hora.

- Saiu pra onde?

- E eu sei? Você acha que eu fico aqui dando conta da vida dos moradores? - disse Antônio, enquanto coçava a cabeça e a olhava com ar desconfiado.

- É muito importante, Seu Antônio. Por favor, eu preciso falar com ele, já. É caso de vida ou morte.

- Nossa, menina, que exagero. Pra vocês, adolescentes, até quando quebram a unha é uma tragédia.

- Se o senhor não me disser agora onde encontrar o Ricardo, eu conto pra Dona Sheila que o senhor fuma escondido aqui na portaria e depois joga esse produto de eucalipto no tapete pra disfarçar o cheiro.

- No bar do Odair.

- Obrigada – disse Luana, quando já passava pelo portão em direção à rua. Ela ainda pôde ouvir o porteiro gritando.

- Lu... *Num* conta nosso segredo, tá.

Ela dobrou a esquina e, em menos de dois minutos, alcançava a porta do bar do Odair. Não demorou a avistar Ricardo, sentado em

uma mesa no fundo, conversando com um rapaz que ela nunca havia visto antes. Ele parou de falar, enquanto acompanhava, espantado, a sua aproximação.

- O que foi, Luana? Por que você está desse jeito?

- Ricardo, eu preciso muito falar com você - olhou para o seu acompanhante, que a encarava sem entender o que acontecia e completou - a sós.

- Ricardo, vou pra casa e te deixo aí com a gata. Me liga amanhã pra combinarmos aquela parada - disse o rapaz, enquanto se levantava.

Luana sentou-se em frente a Ricardo e disparou:

- Eles levaram o Edu.

- Como assim? Quem levou o Edu?

- Os Aioas.

- Que maluquice é essa, Luana?

- Eu estava lá no Arpoador com o Edu; chegaram de repente, seguraram ele pelo braço, colocaram um saco de pano na sua cabeça e o levaram. Eu percebi que não podia fazer nada, então, corri pra pedir ajuda.

Ricardo acompanhava a sua história com a boca aberta, parecia não acreditar em uma palavra do que ela lhe contava.

- Lu, não foram os Aioas que levaram o Edu. Precisamos chamar a polícia. Ele foi sequestrado por bandidos.

- Não! Foram os Aioas!

- E como você tem tanta certeza?

- Eu arranquei o brinco de um deles.

- E cadê o brinco?

Luana se esticou na cadeira para conseguir remover o pequeno objeto do bolso da calça apertada. Colocou-o sobre a

mesa e apontou-o, como se isso fosse necessário para que Ricardo comprovasse que o que ela dizia era verdade.

- Não faz sentido... Estamos em trégua com os Aioas há mais de cem anos... Por que eles fariam uma coisa dessas? - disse Ricardo, pegando a esfera de madeira polida, do tamanho de uma ervilha, ainda com o pino para fixação na orelha sujo de sangue.

- Essa trégua foi conseguida por uma geração de Acanãs que não está mais aqui para confirmá-la.

- Mesmo assim, não vejo motivo para terem levado o Edu.

- O que vão fazer com ele, Rick? Estou morrendo de medo.

- Calma, Luana, não vai acontecer nada com o Edu.

O rosto queimado pelo sol e os braços musculosos de Ricardo faziam dele um rapaz muito atraente; por várias vezes, Luana se pegou encarando-o com sentimentos além da pura amizade.

- Se a trégua foi mesmo quebrada, precisamos avisar ao Iake - disse ela, abaixando a cabeça.

- Pra chegar ao Iake, teremos que enviar o mensageiro na frente.

- O Léo?

- É, o Léo. Algum problema?

- Ricardo, o Leonardo só faz parte da tribo porque é um dos escolhidos. Ele nem sequer acredita nas nossas leis.

- Não tem jeito. Pra falar com o Iake, o Léo precisa marcar a audiência.

- Então, vamos atrás dele logo - disse Luana, já de pé e caminhando em direção à saída.

Enquanto se levantava para ir atrás de Luana, impaciente do lado de fora do bar, Ricardo deixou o dinheiro da conta sobre a mesa e fez sinal para o garçom. Tudo indicava que aquela seria uma noite e tanto.

## 2

*Rio de Janeiro, 18 de julho de 2011, noite.*

- Ca-Cara... Não vai dar. Vocês estão vi-viajando nessa parada que o Edu foi levado pelos Aioas. Estamos pe-perdendo tempo, temos que avisar logo pra polícia.

- Léo, por favor, só queremos que você nos leve para falar com o Iake - disse Luana, com os olhos mais uma vez cheios de lágrimas.

- Na-não, vocês...

- Mostra o brinco pra ele - disse Ricardo, apontando para o bolso da calça de Luana.

Ela pegou o pequeno brinco de madeira e colocou na mão de Léo.

- Ca-Cara... Qualquer pessoa pode ter um bri-brinco desses - disse Leonardo, coçando a cabeça.

- Olha bem de perto - disse Luana.

Ele levantou a esfera com a ponta dos dedos e a aproximou dos olhos. Enquanto isso, Ricardo, da janela do quarto, parecia olhar para algumas luzes distantes que piscavam no oceano.

- Você acha que qualquer um pode ter um brinco desses, com o símbolo das três penas gravado? - disse ela, sentando-se na beirada da cama.

- É o si-si-símbolo dos Aioas.

- É, Léo. É o símbolo dos Aioas. Será que agora podemos ir? - disse Ricardo, enquanto abria a porta do quarto.

- Vou pegar as lan-lanternas - disse Leonardo, abrindo uma gaveta de sua cômoda.

Dentro do táxi, Luana segurava a mão de Ricardo. À sua mente vinham imagens de Eduardo, completamente nu, deitado sobre uma pedra na clareira da floresta. Galhos secos espalhados ao lado do seu corpo e uma dezena de Aioas pintados de vermelho, formando um círculo à sua volta.

Quando sua avó contava sobre os rituais dos Aioas, Luana encarava aquilo como uma lenda. Histórias como as contadas nas peças infantis que assistia, acompanhada de seu pai, quando criança. Porém, agora, tudo lhe parecia muito real. Ela lutava para tirar aquelas cenas de sua cabeça, mas isso só fazia com que ficassem cada vez mais vivas. Passou a mão pelo pescoço e sentiu o colar feito com pequenos dentes de jacaré. Sua avó lhe revelara que aquele adereço pertencera à Iara, uma de suas ancestrais, presente na época em que a tribo Acanã foi criada. Sua utilidade era dar proteção e sabedoria. Luana nunca tirava o colar para nada: nem para dormir, sequer para tomar banho, apesar dos protestos de sua mãe.

- Chegamos - disse Leonardo, entregando o dinheiro ao motorista e abrindo a porta do carro.

- Vocês querem que eu aguarde? Isso aqui é muito deserto e perigoso para jovens na idade de vocês. Duvido que consigam táxi para voltar a essa hora da noite - disse o taxista, olhando para a floresta à sua frente e fazendo uma careta.

- Não, senhor, muito obrigado. Vamos ficar bem - disse Ricardo, batendo a porta.

Quando o carro saiu da vista dos três, eles podiam apenas ouvir os barulhos vindos da floresta. O vento balançando as árvores, pássaros de hábitos noturnos e outros animais misteriosos que vagavam pela noite dentro da mata.

- Estão ve-vendo aquele ponto luminoso lá em ci-cima? - disse Leonardo, apontando para a única luz acesa no meio de toda a escuridão.

Os outros dois apenas balançaram a cabeça, concordando.

- Quando a luz se a-apagar por cerca de 30 segundos, vo-voltar a acender e a-apagar de novo por mais 30 segundos, vocês podem subir. A trilha começa ali na-naquela árvore. Usem as lan-lanternas e quando chegarem a uma pe-pedra grande e pontuda, olhem para sua esquerda e ve-verão uma enorme moita de bam-bambus, aparentemente intransponível.

Luana reparou que gotas de suor brotavam da testa de Léo, enquanto ele explicava o caminho até a cabana do lake, e sua gagueira estava pior do que nunca.

- Be-bem no meio da moita - continuou ele -, vocês vão e-encontrar alguns bambus que se dobram com fa-facilidade e permitem a passagem para o outro lado. De lá, vocês vão co-conseguir ver a luz da cabana. Daí, é só seguir em fre-frente.

Ele passou a mão na testa para enxugar o suor.

- Ca-cara... Eu tô ne-nervoso.

- Calma, Léo. Vai dar tudo certo - disse Ricardo, batendo de leve nas costas do amigo.

Assim que Leonardo desapareceu na mata, Luana deixou-se cair no chão, cruzou as pernas, abaixou a cabeça e começou a chorar de novo. Ricardo sentou-se ao seu lado e a abraçou.

- Nós vamos salvar o Edu. Não fica assim. Como eu disse para o Léo: vai dar tudo certo.

Ela levantou a cabeça, olhou fixamente em direção à luz da cabana e disse:

- Por que levaram apenas o Edu? Eu também sou uma Acanã, por que não me levaram também?

- Eles devem saber qual é o dom do Edu, por isso levaram.

- E qual é o dom do Edu? Eu nem sei qual é o meu... Acho que ele também não conhece o seu. Como os Aioas podem saber? - disse ela, encarando Ricardo.

- Nenhum de nós tem consciência de seu dom ou do dom dos outros. Sabemos apenas a identidade do mensageiro, nada mais. Isso é para garantir nossa segurança.

- Mas como vamos usar um dom que nem sabemos qual é?

- O dom é despertado pelo Iake, apenas se necessário, o que não acontece desde 1888, quando o pacto com os Aioas foi selado. De alguma forma, devem ter descoberto o dom do Edu, e esse deve ser importante para eles terem agido assim.

- Será que eles vão matar meu namorado? Como nas histórias sobre os rituais de sacrifício dos Aioas, que nossos avós nos contam?

Ricardo olhou para cima e Luana o acompanhou. Havia milhões de estrelas. A falta de nuvens e a escuridão de onde se encontravam garantiam o espetáculo. Uma noite linda, sem dúvida, mas longe de ser agradável. Depois de alguns segundos contemplando o céu, ele finalmente disse:

- Não, Lu. Eles não vão matar o Edu. Primeiro: se o levaram é porque precisam do dom dele para alguma coisa, e só podem conseguir isso com ele vivo. Depois: apenas mulheres eram sacrificadas.

Luana encolheu as pernas e colocou a cabeça sobre os joelhos. Seus cabelos longos e negros cobriram seus braços. Eles permaneceram em silêncio por alguns minutos, até que a voz eufórica de Ricardo a fez despertar de seu transe.

- A luz! A luz se apagou!

Eles ficaram de pé e, juntos, contaram os segundos. A luz voltou a se acender e apagou novamente.

- É o sinal. Vamos - disse Luana, caminhando em direção à mata.

No início, precisaram ligar a lanterna, já que a escuridão era completa. As copas das árvores impediam a luz da lua e das estrelas de iluminar o caminho. Andaram por cerca de dez minutos, sempre acompanhando a trilha bem demarcada, utilizada na certa por muitos aventureiros que subiam por ali até o topo da montanha no meio da Floresta da Tijuca. De vez em quando, o fecho de luz da lanterna era refletido por um par de olhos atentos de uma coruja, ou um mico curioso com o movimento àquela hora da noite.

- A pedra! – disse Ricardo, iluminando uma pedra fina e pontuda bem no meio da pequena clareira.

- Os bambus! – disse Luana, apontando a lanterna para a extensa moita de bambus logo atrás da pedra.

Eles caminharam em direção à moita. Luana sentiu um forte cheiro de urina. A pedra parecia ser o banheiro dos visitantes que passavam por ali. Ricardo tentou empurrar os bambus no centro da moita, mas sem sucesso. Continuou empurrando as hastes, até que quase perdeu o equilíbrio quando o bambu dobrou-se com o peso de seu corpo.

- É aqui! – disse ele, afastando os outros bambus com a ajuda de ambos os braços.

Ao atravessarem aquela barreira natural, viram-se diante de uma subida íngreme, que culminava na cabana, da qual vislumbraram apenas a sombra. Pelo caminho, agora, totalmente descampado, tornava-se desnecessário o uso das lanternas, pois a trilha era iluminada pela lua e estrelas, que brilhavam com toda a força.

Venceram essa última parte da caminhada em poucos minutos. Chegaram ofegantes. A cabana estava completamente escura, exceto por uma das janelas que exibia certa luminosidade, resultante de velas acesas. Eles se aproximaram da porta de entrada, onde pararam por alguns segundos.

- Será que devemos entrar? - sussurrou Ricardo, esticando a mão em direção à maçaneta feita com um pedaço de galho envernizado.

Antes que pudesse alcançar a porta, essa se abriu como em um passe de mágica. Eles ficaram indecisos quanto ao que fazer. Luana tomou a iniciativa e entrou.

Por dentro, a cabana se resumia a um único cômodo. Em um dos cantos, uma rede; no canto oposto, um fogão a lenha, no outro, um vaso sanitário e uma pequena pia. No centro, um tapete feito com prováveis tiras de cipó.

- Não tem ninguém aqui - disse Luana, girando em torno de Ricardo, que parecia em transe.

Ela estalou os dedos bem na frente dos olhos do amigo. Esse piscou e olhou para ela.

- Não tem ninguém aqui - repetiu ele.

- Ricardo! Acorda! Eu acabei de dizer isso.

- Desculpe, mas é que este lugar me deixou confuso. Para onde será que eles foram?

- Olha aquela janela. Tem uma luz lá fora - disse ela, apontando para os fundos da cabana.

- É verdade. Parece uma fogueira.

- Vamos.

Eles saíram e caminharam pela lateral da cabana. Quando viram a fogueira, perceberam Leonardo sentado de frente para um homem alto e magro.

- Sejam bem-vindos - disse o Iake, com uma voz suave, mas firme.

- É uma honra conhecer o senhor - disse Luana, sem saber o que mais poderia falar para o mais respeitado de todos os Acanãs.

- Por favor, sentem-se conosco - disse ele, sem virar o rosto para onde estavam Luana e Ricardo.

Eles se sentaram ao lado de Leonardo. Ricardo parecia anestesiado diante da presença do Iake. Não tirara os olhos do mestre Acanã desde que chegaram ali.

O rosto do Iake era jovem e bonito. A pele bronzeada e os olhos claros lembravam o semblante de um surfista.

- A notícia que vocês trazem é muito grave. Posso ver o brinco? - disse o Iake, esticando a mão em direção à Luana.

Ela retirou mais uma vez o brinco do bolso da calça e, trêmula, colocou o pequeno objeto na palma da mão do Iake. Ele pegou o brinco com a outra mão e o examinou com cautela. Levou o brinco até próximo do ouvido, mantendo-o assim por alguns segundos.

- O brinco é legítimo. Pertence mesmo a um Aioa.

Os três amigos permaneceram em silêncio. Aguardavam o Iake dizer algo que pudesse esclarecer o que estava realmente acontecendo.

- O que temos que descobrir é o que eles querem com o Eduardo. Luana, me dê a sua mão direita, por favor.

Ela esticou a mão até que o Iake, envolvendo-a nas suas, fechou os olhos e passou a recitar um mantra em tupi-guarani.

Luana sentiu um calafrio percorrer todas as vértebras de sua coluna. Em um impulso involuntário retirou rápido a mão das mãos do Iake. Ele a encarou e sorriu.

- O que foi isso? O que você fez comigo? – Luana estava tremendo. Sentia suas mãos frias e úmidas.

- Seu dom foi ativado. Agora, você pode nos ajudar a encontrar o seu namorado - disse o Iake, que parecia se divertir com a reação de Luana.

Ricardo e Léo olhavam para ela espantados, visivelmente sem entender o que se desenrolava.

- Como assim? Qual é o meu dom?

- Apenas relaxe, feche seus olhos, pense no Eduardo e nos diga o que você consegue ver.

Luana obedeceu. Fechou os olhos e pensou em Edu. De repente, foi transportada para outro lugar. Podia ver e sentir tudo à sua volta, mas não mais a fogueira, o Iake e seus amigos, ali ao seu lado. Era um lugar escuro e frio. Ventava muito. O barulho do vento nas árvores a assustava, mesmo encontrando-se dentro de uma casa. Não... Era uma espécie de galpão. O teto não era muito alto, mas percebia-se a sua longa extensão. Ela ouviu vozes. Eram duas ou três pessoas conversando. Os sons vinham do fundo do galpão. Havia uma vela iluminando o local onde eles estavam. Ela caminhou na direção das vozes. Quando se aproximou, reconheceu um dos rapazes. Era o mesmo a quem ela havia retirado o brinco. A orelha ainda apresentava algumas manchas de sangue. Olhou para os outros dois Aioas, que não paravam um só minuto de sorrir, como que satisfeitos com o

resultado da caçada. Desviou o olhar para o outro lado e viu Edu, deitado em uma espécie de mesa. Completamente nu.

- Edu! Edu! – ela gritava, mas parecia que ninguém conseguia ouvi-la, nem mesmo os Aioas, que continuavam a conversa como se não estivesse ali.

- Luana... Luana... Volte... Luana... Volte.

Ela abriu os olhos e viu o Iake segurando suas mãos.

- Eu vi o Edu. Ele estava lá. Eu vi.

- Eu sei que você viu. Este é o seu dom: você consegue ir aos mesmos lugares onde estiverem aqueles em quem se concentra. A questão principal é que você não consegue interagir com as pessoas ou objetos de lá. Você pode apenas ver, ouvir, sentir cheiros ou sensações, como frio ou calor – disse o Iake, com a mesma expressão de serenidade mantida desde a chegada dos jovens ali.

- Desculpe. Eu queria apenas falar com ele. Ver se ele estava bem – Luana transpirava e tinha as mãos trêmulas.

- Calma. Com o tempo você irá dominar seu poder e as coisas ficarão mais fáceis pra você. Agora me diga: você conseguiu identificar o lugar onde o Edu está?

- Não. Era um galpão. Parecia ser no meio de uma floresta. Ventava muito e eu ouvia as árvores balançando.

Ricardo se levantou bruscamente:

- Me diz onde é. Eu vou até lá dar uma lição nesses caras.

- Eu não sei, Ricardo. Não deu pra ver. – Luana abraçou os joelhos e colocou a cabeça entre eles. Estava chorando.

- Ricardo, sente-se, por favor. Luana, se acalme. Todo esse nervosismo não irá nos ajudar em nada. Preciso de vocês tranquilos para executar as tarefas que teremos pela frente.

- Co-como assim... Tarefas? Eu so-sou apenas o men-mensageiro. Correto? – Léo tinha os olhos arregalados.

O Iake se levantou, caminhou até onde Leonardo estava sentado e colocou as mãos sobre a sua cabeça. Novamente ele recitou um mantra. Léo estremeceu e começou a olhar as palmas de suas mãos. Uma pequena labareda apareceu bem no centro da mão esquerda e, logo em seguida, outra ainda maior se formou na mão direita.

- Fo-fogo! Eu estou pe-pegando fo-fogo!

- Calma, Leonardo. Apenas feche as mãos, que o fogo se apaga - disse o Iake, pegando as mãos de Léo e fechando-as com cuidado.

Em seguida, foi na direção de Ricardo, que fechou os olhos, provavelmente antecipando o que estava prestes a acontecer. Ele pousou as mãos sobre a cabeça do rapaz, assim como havia feito com Leonardo. Após o mantra ser recitado mais uma vez, Ricardo abriu os olhos.

- E ai? – ele perguntou, visivelmente desapontado. – O que eu consigo fazer? Não sinto nada de diferente.

- Você pode, por gentileza, ir até a cozinha da cabana e pegar o bule de chá sobre o fogão? – perguntou o Iake, apontando para o fogão, que podia ser visto através da janela.

- Mas o que isso tem a ver com o meu poder?

- Nada. Só estou te pedindo um favor - disse o Iake, sorrindo.

Ricardo levantou-se, contrariado, e em um piscar de olhos estava com o bule de chá nas mãos.

- Como você fez isso? – perguntou Luana.

- Isso o quê? – perguntou Ricardo, dando de ombros.

- Vo-você apareceu com o bu-bule nas mãos, e parece que nem sa-saiu daqui - disse Léo, ainda com as mãos cerradas, certamente com medo de que elas voltassem a pegar fogo.

- Vocês estão loucos? Eu fui até a cozinha e peguei o que me pediu - disse Ricardo, entregando o bule para o Iake.

- O estranho, Ricardo, é que você fez isso em menos de um segundo - disse Luana, sorrindo.

Confuso, Ricardo olhou para o Iake, que também sorria.

- É este o meu poder? Fazer as coisas muito rápido?

- *Se deslocar muito rápido é a resposta correta* - disse o Iake, servindo chá em pequenos copos de madeira, guardados embaixo de uma pedra ao lado da fogueira.

Por alguns instantes o mundo pareceu parar. Eles estavam ali, diante do Iake, com seus poderes revelados. Eram capazes de fazer coisas extraordinárias, inimagináveis para as pessoas comuns. Finalmente, eram Acanãs de verdade.

- Luana, preciso que você volte ao lugar onde estão mantendo o Edu, mas desta vez não interfira em nada, apenas olhe em volta, saia do galpão e tente identificar onde ele fica. Uma vez lá, você poderá se deslocar para qualquer lugar, portanto, caminhe até encontrar uma referência que você conheça, mas cuidado. Tudo o que você fizer irá consumir sua energia. Quando se sentir cansada, deve voltar imediatamente; caso contrário, pode desmaiar e corre o risco de nunca mais sair do transe.

O Iake, agora, andava em volta do grupo enquanto falava.

- Os poderes que vocês receberam são um dom herdado dos nossos ancestrais. Com eles vocês podem fazer coisas incríveis, mas isso tem um preço. Todos os poderes consomem energia vital; se não souberem dosar corretamente, podem pagar com as suas próprias vidas.

Um sapo saiu da moita e saltou em frente aos pés de Luana, que se levantou, assustada. Todos riram e ela ficou sem graça.

- Cheia de poderes e com medo de um simples sapinho? – disse Ricardo, piscando o olho para a amiga.

Depois de mostrar a língua para ele, Luana fechou os olhos e concentrou-se em Eduardo.

Ela estava de volta ao galpão. Dessa vez, ao invés de ir em direção aos rapazes, caminhou até uma porta entreaberta, na lateral do prédio. Atravessou a porta. Logo entendeu que era como um fantasma naquele lugar. Ninguém podia vê-la ou tocá-la, além de conseguir atravessar paredes e outros objetos sólidos.

Sentiu o vento batendo com força em seu corpo. O mesmo vento que balançava ferozmente as copas das árvores e levantava areia e folhas do chão de terra batida. Viu dois carros estacionados. Uma estrada esburacada e escura parecia ser a única forma de chegar até ali. Encontrava-se em uma montanha. Alta, muito alta. Andou em direção a um muro baixo, cuja função deveria ser proteger as pessoas de cair no precipício. Ao se aproximar do muro, que batia em sua cintura, avistou muitos prédios e casas ao longe, e uma praia iluminada por luzes artificiais. Não tinha mais dúvidas: a praia era São Conrado e ela estava em algum lugar próximo à Pedra da Gávea.

### 3

*Niterói, 20 de janeiro de 1567, manhã.*

Sentada em uma pedra, no alto do Morro do Pico, em Niterói, Iara podia ver os barcos inimigos se aproximando da praia da Glória. O dia acabara de amanhecer, com o céu azul, sem nuvens. Uma leve brisa soprava e balançava seus longos cabelos negros. Em seus olhos, uma lágrima começava a se formar. Ela sabia o que estava por vir e isso a deixava angustiada, triste e assustada. Apesar de ser considerada uma das mais experientes entre os jovens da tribo, tinha apenas dezoito anos. Ela segurou o colar de dentes de jacaré que sua mãe havia lhe feito dias antes. O colar, abençoado pelo pajé, era para sua proteção e, ao mesmo tempo, fonte de sabedoria.

Os guerreiros de sua tribo estavam preparados para a guerra, mas sabiam que vencer aquela batalha seria difícil. Os invasores que vinham de trás da linha do mar possuíam armas que cuspiam fogo e podiam matar sem chegar perto. Além disso, tinham os índios Termiminó a seu lado, liderados pelo temido cacique Cobra Feroz.

Ela e mais um grupo de trinta de sua tribo foram escolhidos para sobreviver. Eles tinham a missão de proteger a lança Iandé. Entre o grupo que se encontrava naquele monte, havia os escolhidos. Aqueles que traziam no couro cabeludo a marca de Iandé: uma estrela de seis

pontas. Eram os únicos capazes de manter a lança longe daqueles que a queriam como fonte de poder. Também estavam ali os pais de alguns deles, seus irmãos e o Iake, responsável por aconselhar e liderar os escolhidos. Apenas Caué e Nurá não se encontravam no monte. Eles haviam partido na noite anterior para buscar a lança e levá-la para um lugar seguro. Caué era o único capaz de localizar a Iandé: esse era o seu dom. Nurá levaria a lança para um lugar bem distante, bem longe do alcance dos Termiminó ou dos estrangeiros. Ele podia percorrer muitas léguas em poucos segundos – esse era o seu dom: ser mais rápido do que a mais rápida das flechas.

Faltava muito pouco para que os barcos chegassem até a praia. Iara sentia seu coração bater mais forte a cada minuto. Ela fechou os olhos e pensou em Tuã, o jovem guerreiro por quem havia se apaixonado. Imediatamente, foi levada até o topo do monte Uruçumirim, onde os guerreiros Tamoios, escondidos entre as árvores de copas altas e largas, aguardavam seus algozes. Ela caminhou por entre as árvores e encontrou seu amado agachado atrás de uma pedra, com seu arco e flecha em punho, esperando pela ordem de ataque.

Iara virou-se em direção à praia e viu quando os inimigos começaram a desembarcar. Eram muitos. Tantos, que não dava para contar. Eles avançavam com suas lanças e espadas. Alguns empunhavam as temidas armas de fogo. Ela sentiu vontade de lutar ao lado de Tuã, mas sabia que não podia. Sua presença ali era só em espírito; qualquer tentativa de interferência esgotaria suas energias e a levaria à morte. Vontade de ficar ao lado de seu amor, mesmo em outra vida, ela tinha, mas proteger a lança Iandé era mais importante que tudo. Até mesmo mais importante que o mais poderoso amor que pudesse existir.

Ela viu quando os primeiros guerreiros foram mortalmente feridos e o cheiro de sangue tomou conta do monte Uruçumirim. Eles estavam chegando perto de Tuã; ela não suportaria vê-lo morrer; então, decidiu que era hora de voltar e se juntar ao grupo que teria a missão mais importante que alguém naquela terra abençoada já tivera: proteger a lança de diamantes. Proteger o que mantinha aquela terra – no passado Pindorama, mas agora chamada Brasil – livre das tormentas e da fúria dos deuses.

De volta ao alto do Morro do Pico, ela se sentou de frente para a Baía de Guanabara, fixou o olhar no monte Uruçumirim e chorou. Por alguns minutos, tentou em vão controlar suas emoções. Sua mãe se aproximou e acariciou seus cabelos.

- Tuã irá para junto dos deuses e estará esperando por você - disse a mãe, enquanto se sentava ao lado de Iara.

- Meu avô me disse que, antes da chegada dos estrangeiros, esta terra vivia em paz - disse Iara, sem tirar os olhos do monte onde a guerra cobrava seu preço daqueles que queriam apenas viver em harmonia com a natureza.

- Mas, agora, temos que nos adaptar e viver de acordo com o que nos foi designado. Vamos ficar unidos e nos fortalecer. Assim, cumprimos nossa obrigação de manter nossa terra livre da ira dos deuses.

O Iake se aproxima. Com a pele bronzeada e os olhos claros, o pajé era jovem e bonito.

- Iara, sei que vive um momento difícil, mas preciso que vá até onde estão Caué e Nurá e veja se a lança já se encontra em lugar seguro - disse o Iake, mantendo a habitual expressão de serenidade, embora os problemas parecessem não ter mais fim.

- Sim, senhor - disse Iara, fechando os olhos e pensando em Caué.

Transportada para uma praia distante, ela avistou Caué sozinho, próximo das ondas. Ela se aproximou, mas sabia que não podia ser vista. Olhou para o sul e ainda conseguiu ver um vulto sumindo ao longe: Nurá. A lança estava a caminho do seu novo lar.

Iara retornou do transe, olhou para o Iake e sorriu pela primeira vez em muitos dias.

- A Iandé está segura. Eles a encontraram e Nurá já a leva para longe.

- Este é apenas o primeiro passo da nossa nova vida. Agora, temos que nos preparar para viver entre os estrangeiros. Afinal, se nos encontrarem e descobrirem quem somos, seremos mortos - disse o Iake.

- Isso quer dizer que não podemos mais usar o nome da nossa tribo? – perguntou Iara, olhando para sua mãe e fazendo uma careta.

- Não, minha filha. Não podemos mais dizer a ninguém que somos Tamoios. Tivemos uma reunião com os mais velhos e encontramos um novo nome para nossa tribo, mas esse nome também não deve ser conhecido dos estrangeiros ou das outras tribos.

O Iake abaixou-se, ficou a poucos centímetros do rosto de Iara e disse:

- A partir de agora, somos os Acanãs.

*Rio de Janeiro, 18 de julho de 2011, noite.*

Luana voltou do transe e deu de cara com Ricardo a poucos centímetros de sua testa.

- Que susto, Ricardo, o que você está fazendo?

- Fiquei preocupado com você. Queria ver se você estava respirando.

- Estou bem... Eu vi... Eu vi o lugar onde o Edu está.

- E onde é? – perguntou o Iake.

- É perto da Pedra da Gávea. Parece que é muito próximo da Pedra Bonita, onde o pessoal salta de asa-delta.

- Então, o que estamos esperando? Vamos pra lá! – disse Ricardo, levantando-se e puxando Leonardo pelo braço.

- Não podemos – disse o Iake, fazendo sinal para que os dois voltassem a se sentar.

Ricardo fez uma cara feia.

- E por que não?

- Porque ainda não sabemos com o que estamos lidando. Agir agora pode ser imprudente e custar a vida do Eduardo - disse o Iake.

- Mas não podemos ficar aqui parados... – Luana estava em pé e andava em círculos.

- Luana, você é capaz de se lembrar dos rostos dos Aioas que viu na praia e no galpão? – perguntou o Iake.

- Acho que sim... Na praia foi tudo muito rápido e estava um pouco escuro, mas no galpão eu pude vê-los bem de perto.

O Iake se levantou, foi até a janela da casa e pegou um livro do tamanho de um caderno universitário. Voltou para junto deles e entregou o livro para Luana.

- Veja se você os reconhece nessas fotos.

Ela abriu o livro e começou a olhar as imagens. Eram todos jovens, na faixa dos dezoito anos, assim como ela e seus amigos. Parou em uma das fotos e disse:

- Este aqui... Foi dele que eu arranquei o brinco.

- Continue - disse o Iake, após conferir a foto do rapaz.

Luana examinava cada uma das imagens com cuidado, tentando reconhecer os traços dos outros dois Aioas.

- Mas por que você tem as fotos dos Aioas? – Ricardo fez a pergunta que martelava na cabeça de Luana, desde o momento em que o pajé lhe entregara o álbum de fotos.

O Iake olhou para Ricardo, pegou um cachimbo talhado em madeira e acendeu com um graveto retirado da fogueira.

- Nós monitoramos os Aioas desde o Acordo de Paz do final do século XIX. Eles são os únicos que podem colocar em risco a trégua, por isso achamos por bem mantê-los bem vigiados.

- Estes são os outros dois - disse Luana, estendendo o álbum para que todos pudessem ver a foto de dois rapazes abraçados em frente a uma lanchonete.

O pajé pegou o álbum e olhou a foto com cuidado, sem expressar qualquer reação.

- Muito bem... Quero que vocês façam uma visita para essa pessoa - disse o Iake, entregando um cartão nas mãos de Luana. - Ele poderá nos ajudar a esclarecer o que está acontecendo.

Leonardo e Ricardo chegaram perto de Luana para ler o que dizia o cartão.

- Quem é Dr. Herculano de Paiva? – perguntou Ricardo, tirando o cartão das mãos de Luana.

- Entre nós, ele é mais conhecido como Cacique Cobra Feroz - disse o Iake, soltando uma baforada de fumaça após tragar o seu cachimbo.

- O Arariboia? O cri-criador dos Aioas? – perguntou Leonardo, esfregando as palmas das mãos no joelho e fazendo um barulho engraçado.

O Iake sorriu:

- Não é o mesmo Arariboia que criou os Aioas, mas um de seus descendentes. O atual chefe dos Aioas.

- Desculpe, com todo respeito, mas o senhor deve estar louco - disse Luana, encarando o pajé.

- Isso é uma missão suicida! – disse Ricardo, levantando-se e abrindo os braços em forma de protesto.

- E-eu é que na-não vou falar com esse a-aí - disse Léo, esfregando as mãos nos joelhos ainda com mais intensidade.

O Iake levantou-se, caminhou alguns metros em direção à escuridão da floresta, parou, olhou para o céu, deu duas tragadas em seu cachimbo e retornou para junto deles.

- Apesar do Cacique ser o chefe dos Aioas, ele não representa qualquer perigo para vocês. Se, no entanto, houver alguma coisa que os Aioas queiram em troca do Eduardo, é ele quem deve ser procurado.

- Mas já passa de meia-noite, como vamos bater na casa desse Doutor Herculano? – perguntou Luana, pegando o cartão de volta das mãos de Ricardo.

- Em uma situação como a que nos encontramos, não podemos nos dar ao luxo de ser educados - disse o Iake, removendo as fotos dos três Aioas do álbum e entregando-as à Luana.

Os amigos se entreolharam e Léo foi o primeiro a dar de ombros.

- Que-quem tá na chu-chuva é pra se molhar.

- Mas como vamos chegar lá? Dispensamos o táxi e estamos muito longe de Ipanema ou qualquer outro lugar que tenha algum tipo de transporte - disse Luana, guardando o cartão no bolso de trás da calça.

Ricardo olhou para o pajé e sorriu.

- Comecem a descer a trilha e me esperem lá embaixo; em alguns minutos estarei de volta com o nosso táxi.

- Vocês começaram a entender qual é a vantagem dos poderes que lhes foram dados - disse o Iake, entregando outro cartão para Luana. - Tomem cuidado e me mantenham informado sobre o que está acontecendo. Ao contrário dos nossos ancestrais, não precisamos mais nos comunicar com sinais de fumaça. Meu telefone celular está neste cartão. Podem me ligar a qualquer hora do dia ou da noite.

Ricardo desapareceu, como em um piscar de olhos. Apenas um rastro de poeira indicava por onde ele havia passado segundos antes. Luana pegou a mão de Leonardo e os dois desceram a trilha.

## 5

*Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1574, noite.*

Iara amadureceu e, apesar de nunca ter esquecido Tuã, aprendeu a amar Caué, com quem teve três filhos. Dois deles nasceram com a estrela de seis pontas na cabeça. A adaptação à vida entre os estrangeiros foi mais fácil do que ela imaginou. A tribo, ou o que restou dela, teve ajuda de alguns franceses, aliados durante a guerra contra os portugueses e também derrotados na batalha do monte Uruçumirim. Conseguiram se infiltrar entre aqueles que chegavam nos navios vindos de trás da linha do mar, onde ela imaginava que o mundo tivesse fim – mas se fosse assim, de onde viria toda aquela gente?

Ela chegara aos vinte e cinco anos de idade e já não tinha mais o poder de se transportar para outros lugares. O dom funcionava apenas até os vinte e um anos, quando, então, era transferido a outro Acanã nascido com a estrela. Cabia ao Iake despertar o dom no novo escolhido e esse passava a integrar o grupo de protetores da lança Iandé. Os anos seguintes, desde aquela batalha na enseada da Glória, foram relativamente tranquilos em relação à segurança do artefato de diamantes. Nenhum dos Termiminó apareceu para tentar roubar a lança, que estava em um lugar longe, muito longe do Rio de Janeiro. Mas essa paz não duraria muito tempo.

*Niterói, 15 de novembro de 1574, noite.*

Do outro lado da Baía de Guanabara, em Niterói, o Cacique Cobra Feroz experimentava a ingratidão dos portugueses por sua lealdade. Arariboia, como passou a ser conhecido, foi repreendido publicamente pelo governador, ao cruzar as pernas diante dele. Isso o magoou a ponto de decidir se isolar e viver longe dos estrangeiros. Até o seu nome ele havia mudado e, mesmo assim, descobriu que jamais seria um deles. Não seria pelo fato de, agora, se chamar Martin Afonso de Souza, que deixaria de ser índio e, em última instância, inimigo dos homens brancos. Revoltado com sua própria realidade, decidiu que era hora de voltar seus esforços para o que, um dia, fora o seu grande objetivo: apoderar-se da lança Iandé. Com os Tamoios praticamente extintos da face da terra, ele não encontraria mais obstáculos para ter o poder da lança em suas mãos, com o qual, seria capaz até mesmo de expulsar os portugueses ingratos de sua terra. Chamou um grupo de trinta guerreiros, todos escolhidos a dedo por sua força e habilidade, e os reuniu secretamente em uma grande tenda.

- Estamos aqui, hoje, para iniciar uma nova era. Um dia, fomos os donos de todas estas terras e, agora, somos apenas lixo aos olhos daqueles por quem derramamos nosso sangue - disse Arariboia, enquanto dava passos lentos no centro do círculo montado pelos guerreiros, sentados e com os olhos fixos em seu líder e mentor. - Nós vamos encontrar a lança Iandé e, com ela, seremos capazes de recuperar nosso orgulho e nossas terras. Vamos expulsar esses estrangeiros que tanto nos humilharam.

Os guerreiros seguiam os passos do Cacique com o olhar, imóveis e impassíveis. Trovões podiam ser ouvidos ao longe, como um prenúncio do que estava por vir. Cobra Feroz levantou sua lança, olhou para o céu e declarou em alto brado:

- A partir de hoje, este grupo de guerreiros terá a missão de encontrar a lança de diamantes e trazê-la para mim. Estes brincos, preparados pelo nosso pajé, protegerão seus corpos dos ataques inimigos - disse Arariboia, enquanto entregava um par de brincos esféricos a cada um dos guerreiros. - As três penas gravadas nos brincos representam as três únicas coisas que vocês precisam para alcançarmos a vitória: força, lealdade e perseverança. Para não serem reconhecidos e conseguirem entrar em qualquer território sem serem perseguidos, deixarão de ser Termiminó e passarão a se chamar Aioas.